

MEANDROS DA PESCA ARTESANAL: EDUCAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E TERRITÓRIOS DE VIDA

SANTOS, Laysa. H.¹; BATISTA, Rosana. O. S.²

Projeto Estruturante: 3) Comunidade, saúde e ambiente

RESUMO

Os territórios de vida são correlações entre a materialidade da relação terra-corpos hídricos, mediada pelo imaginário subjetivo. Assim, r-existe a emergência em repensar como a conexão da pesca artesanal e sustentabilidade da vida podem gerar o fortalecimento dos valores éticos na cidadania ambiental. No tocante ao aumento da poluição dos corpos hídricos e dos ecossistemas associados, que afeta diretamente os territórios de vida dos pescadores e pescadoras artesanais, que se tem refletido acerca da fonte de sustento da vida dos povos tradicionais. Nessa direção, este trabalho tem como objetivo analisar o trabalho da Pesca Artesanal na relação homem-natureza-educação-cidadania ambiental no Rio do Sal - povoado São Braz no município de Nossa Senhora do Socorro/Sergipe. O método de abordagem utilizado em nossas análises foi o Materialismo Histórico e Dialético. Assim, com intento de promover a operacionalização dos objetivos propostos, foram construídos os seguintes procedimentos: fundamentação teórica; pesquisa quali-quantitativas; pesquisas de campo onde foram realizadas observações livres e participantes, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. De forma dialética, analisamos o trabalho da pesca artesanal e a sustentabilidade da vida. Em nossas considerações finais, ponderamos que as metamorfoses do trabalho da pesca consistem em um fator potentemente responsável por modificar a dinâmica dos territórios de vida. Aferimos que os pescadores e pescadoras disseminam cultura e saberes tradicionais, a partir do desenvolvimento das suas atividades econômicas e quando estás sofrem alterações e/ou “progressos” tendenciosamente são refletidas nas relações sociais, ambientais e econômicas do território de vida. Deste modo, na perspectiva da ética ambiental, as mudanças de valores e a forma de agir do cidadão, podem auxiliar no processo de construção de Sujeitos Socialmente Justos, Ecologicamente Corretos e Intellectualmente Críticos, em que os resultados dar-se-ão numa tomada de consciência de cada sujeito em relação à conservação da natureza.

Palavras-chave:sustentabilidade da vida, território de vida, pesca artesanal.

THE MEANS OF ARTISANAL FISHING VILLAGESÃO BRAZ/SE

ABSTRACT

The territories of life are correlations between the materiality of the relation earth-water bodies, mediated by the subjective imaginary. Thus, it resists the emergency in rethinking how the

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (MPROF-CIAMB), pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista de mestrado da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe - FAPESSE pelo Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras – PEAC. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Filosofia e Educação (NEPGFE-UFS), E-mail: laysadahora@hotmail.com.

² Profa. Dra. Adjunta do Departamento de Geografia (DGE/UFS). Profa. do MPROF-CIAMB/UFS. Coordenadora Acadêmica do Conselho Gestor do FAPESSE/PEAC (2017-2018). Pesquisadora do NEPGFE-UFS, E-mail: rostogeo@hotmail.com.

connection of the artisanal fishing and sustainability of the life can generate the strengthening of the ethical values in the environmental citizenship. With regard to the increase in pollution of water bodies and associated ecosystems, which directly affects the living areas of fishermen and artisanal fishers, it has been reflected on the source of livelihood of traditional peoples. In this direction, this job aims to analyze the work of Artisanal Fishing in the relation between man-nature-education-environmental citizenship in Rio do Sal - São Braz village in the municipality of Nossa Senhora do Socorro/Sergipe. The method of approach used in our analyzes was Historical and Dialectical Materialism. Thus, with the intention of promoting the operationalization of the proposed objectives, the following procedures were constructed: theoretical foundation; qualitative and quantitative research; field surveys where free and participant observations were made, semi-structured interviews and photographic records. In a dialectical way, we analyze the work of artisanal fishing and the sustainability of life. In our concluding remarks, we consider that the metamorphoses of fishing work are a potentially responsible factor in changing the dynamics of living territories. We note that fishermen and fishermen disseminate traditional culture and knowledge, from the development of their economic activities and when they are undergoing changes and / or "progress" are tendentially reflected in the social, environmental and economic relations of the territory of life. In this way, from the perspective of environmental ethics, changes in values and the way citizens act can help in the process of building Socially Just, Ecologically Correct and Intellectually Critical Subjects, in which the results will be awareness of each subject in relation to the conservation of nature.

Keywords: sustainability of life, territory of life, artisanal fishing.

INTRODUÇÃO

A problemática socioambiental, ao questionar as práticas de uso intensivo do meio ambiente, propõe a participação da sociedade na gestão dos seus recursos naturais, atuais e potenciais. Bem como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e construção de futuros possíveis sob a ótica da sustentabilidade ecológica, levando a mitigação das disparidades socioambientais (JACOBI, 2003). É nesse sentido que observamos o ambiente para além do físico e do biótico, ou seja, um ambiente que envolva a sociedade por meio das relações socioculturais das comunidades tradicionais que transpõem os seus atributos naturais.

O ambiente natural funciona por meio de ciclos, que necessitam de tempo para o reestabelecimento e renovação dos seus elementos, quando renováveis. É nessa dimensão que os saberes ambientais das comunidades tradicionais transpõem quaisquer barreiras, mediante a capacidade cotidiana de enfrentar desafios para a execução do trabalho em tela, o da pesca artesanal, que compreende aos pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais uma atividade econômica de relação direta com a cultura e manejo dos recursos provenientes da pesca (RAMALHO, 2006). Com isso, os elementos socioambientais e culturais imprimem um sentido significativo a atividade da pesca artesanal, pois os recursos pesqueiros são a única e exclusiva atividade de renda para algumas famílias ribeirinhas.

As preocupações geradas pela insuficiência dos corpos hídricos para o abastecimento de muitas regiões (compreendendo a água como essencial na manutenção da vida) e dos recursos pesqueiros (dependência econômica de muitos pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais) podem ser elencadas como uma alavanca para a mudança de pensamentos, valores e práticas dos sujeitos em relação aos cuidados com os corpos hídricos.

O objetivo dessa pesquisa foi analisar o trabalho da pesca artesanal na relação homem-natureza-educação-cidadania ambiental no Rio do Sal - povoado São Braz, Nossa Senhora do Socorro, Sergipe. Intuindo apreender que as comunidades ribeirinhas são dotadas de riqueza versus problemática, dualidade encontradas em milhares de comunidades espalhadas pelo país e nas lutas para serem o que são e/ou resgatar o que foram.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As disputas pelo poder dos territórios da pesca não se diferenciam da essência das que ocorrem nas lutas pelas terras. Assim sendo, o território da pesca diverge das possibilidades divisíveis que temos nas terras. Alguns pontos que desfavorecem essa divisão são: a mobilidade, a imensidão do meio e a imprevisibilidade na produção. Se pensarmos em produção e divisão de áreas marítimas soa incoerência, pois as águas são territórios dinâmicos tanto por sua formação aquosa quanto pelos ciclos biológicos e mobilidade constante das espécies que compõe esse meio (MALDONADO, 2000).

Os Territórios de Vida na pesca artesanal são correlações entre a materialidade da relação terra-água, mediada pelo “imaginário” subjetivo. No tocante a apropriação social desses territórios muitas são as coordenadas utilizadas, que versam desde controles ambientais sustentáveis até a produção artística de marcações dos limites imaginários ou físicos (boias confeccionadas com garrafas, pedaços de isopor) demarcados de forma individual, grupal e comunitária (ALLUT, 2000).

Mediante elucidação do trabalho nos territórios aquáticos, a dimensão da pesca artesanal é compreendida como atividade de subsistência e baixo impacto (quando realizada respeitando a dinâmica ambiental), onde os pescadores e pescadoras/marisqueiras têm como finalidade, utilizar os recursos pescados para permanência da vida (MORGAN, 2014). Na figura 01 observa-se um exemplo figurativo da atividade de pesca artesanal.

Figura 01. Pescadores em atividade da pesca artesanal



Elaboração: Emanuella Santos de Carvalho, 2018.

Vislumbrando a manutenção da vida, os povos das águas usam artimanhas para demarcar os ambientes que, com experiências construídas a partir das vivências diárias, sentem/prevem até onde “a maré vai está para peixe”. Essas demarcações muitas vezes são utilizadas por outros pescadores e pescadoras de forma desleal, quando desmarcam e utilizam de um ambiente que outros sujeitos se deram ao trabalho de demarcar (MALDONADO, 2000).

As adversidades são inerentes ao trabalho manual, seja na terra ou nas águas, já que pescadores e pescadoras/marisqueiras estão vulneráveis à fortes variações climáticas típicas da dinâmica ambiental das águas. Os fatores climáticos são vias de mão dupla, sendo aliados e inimigos dos pescadores e pescadoras/marisqueiras, pois favorecem e/ou interferem diretamente no trabalho da pesca. Esses fatores precisam ser conhecidos e respeitados para minimizar os riscos a que estão expostos os trabalhadores das águas (ALLUT, 2000).

Os riscos no trabalho da pesca são constantes, principalmente quando falamos da pesca oceânica, no entanto a experiência, as boas técnicas e habilidades são bem-vindas e cruciais a manutenção/permanência da vida desses trabalhadores dos mares e das marés, pois esta é o bem mais precioso que possuem, seguido pelos instrumentos de trabalho do mundo da pesca que diariamente caminham em dois eixos: o do sucesso e/ou das perdas. O sucesso dependerá diretamente das habilidades somadas pelos companheiros e companheiras das águas. (MALDONADO, 2000). Assim,

[...] o pescador artesanal é aquele que detém consciência sobre os ciclos e o meio ambiente onde realiza seu trabalho, sabendo discernir tipos de ventos, cardumes, períodos relativos ao calendário lunar e mais aptos à captura de certos tipos de pescados, melhores locais de pescaria e outros. Sem esse conhecimento, que é adquirido pela experiência de vida, não se faz pescador (RAMALHO, 2006, p. 52).

Destarte, o Ser Pescador e Pescadora compreende oceanos de conhecimentos múltiplos em áreas diversas, enriquecendo as ciências e os imaginários populares simultaneamente. Os pescadores e pescadoras/marisqueiras criam, a partir de suas vivências, um “corpo complexo e detalhado de conceitos e símbolos” mediado pelo saber tradicional, que proporciona “leitura” de técnicas mais apropriadas, considerando sempre as condições da natureza (DIEGUES, 2004).

Diante das reflexões em tela, abarcamos que a pesca artesanal é de suma relevância para a economia das comunidades tradicionais, além de contribuir com a “preservação dos ecossistemas” respeitando os ciclos reprodutivos das espécies e levando-se em consideração a relevância dos saberes tradicionais. Compreendemos que as correlações com seus territórios de vida versam mediante o compartilhamento dos saberes da pesca para os mais jovens, estando assim conectados aos elementos culturais a que foram expostos.

METODOLOGIA

Eleveu-se como teoria epistemológica de análise o **Materialismo Histórico e Dialético**. A base metodológica e Dialética no método proposto por Marx pressupõe um estudo/pesquisa capaz de, no processo de investigar, analisar, criticar e pressupor, realizar um esforço técnico-científico de desvelar o “saber total” do objeto. Esse dado objeto constitui o problema de pesquisa, tendo como premissa a máxima de que todo objeto/problema de pesquisa é resultante das relações historicamente

estabelecidas pelo homem em sociedade, das quais resultam a sua cultura, bem como das mutações/dinâmicas decorrentes desta (NETTO, 2011).

O recorte espacial, o lugar, o sentido e a arte do trabalho foram desvelados e construídos, seguindo os procedimentos metodológicos teóricos e práticos pautados: Em uma **fundamentação teórica**, a qual proporcionou a obtenção de um arcabouço teórico necessário à pesquisa. De acordo com Marconi; Lakatos (2003) e Gil (2010) a pesquisa bibliográfica compõe o primeiro passo de qualquer pesquisa científica. Para tal, foram levantados dados secundários de diversas obras que tratam das temáticas em questão, sendo: livros, periódicos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, jornais e sites de pesquisa.

Visando alcançar os objetivos propostos na presente pesquisa, selecionamos as abordagens **Quali-Quant**, apreciando que a dialética privilegia as mudanças qualitativas, no entanto, não anula a completude que os dados quantitativos agregaram a pesquisa. A Qualitativa busca utilizar métodos que contemplem a identificação de um acontecimento e/ou fenômeno que possa ser observado no local em que ocorre, para que assim, seja possível encontrar o sentido desse fenômeno e interpretar os significados que os sujeitos da comunidade dão a eles. A Quantitativa se faz necessária para procedimentos em que a coleta de dados e o desenvolvimento das ideias é exploratório e utilizam excepcionalmente uma dada operação (CHIZZOTTI, 2003; MARCONI; LAKATOS 2003).

A **coleta dos dados** ocorreu mediante a trabalho de campo, no período de fevereiro de 2017 a abril de 2018. Nesse período foram realizados dez campos nos turnos manhã e tarde. Para tal pesquisa foram utilizados dois procedimentos, os quais Gil (2010) pondera como fundamentais, que são: as **observações livres** e participantes dos sujeitos e da dinâmica ambiental. E as **entrevistas semiestruturadas** que foram realizadas com uma pescadora, dois pescadores e, um pescador/líder comunitário, foram priorizados os moradores antigos do povoado São Braz/SE. Cada entrevista durou em média 30 minutos, os entrevistados foram previamente avisados que só precisavam responder o que desejassem, bem como poderiam falar além do que estava sendo perguntado. Foi solicitada a autorização para realizar a gravação de áudio durante as entrevistas, as quais nos possibilitaram revisar e transcrever as falas na íntegra, auxiliando na interpretação e análise dos resultados.

Com intuito de apresentar o processo de construção e os frutos da pesquisa, as entrevistas semiestruturadas e as observações foram tabuladas e analisadas. As fotografias foram registradas com auxílio de câmera digital e aparelho celular. Deste modo, promovemos a operacionalização dos objetivos propostos, procedimentos, análises e resultados.

TEMPO, LUGAR, ÁGUAS: TERRITÓRIOS DE VIDA E O TRABALHO DA PESCA ARTESANAL

Ao mergulhar no universo dos povos tradicionais - pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais do povoado São Braz/SE, encontramos riquezas culturais, histórias de vida e conflitos diante dos “avanços” da expansão industrial, da especulação imobiliária e de grandes investimentos para o “desenvolvimento” de áreas que tem potencial. Encontra-se também a presença dos elementos promovidos pelo capital, que ora são trazidos como benéficos e ora se contradizem como sendo maléficos. A comunidade do povoado São Braz/SE é uma pequena amostra de milhares de comunidades espalhadas pelo país e de suas lutas para serem o que são e/ou resgatar o que foram. A

seguir elucidaremos acerca do território de vida e do trabalho dos pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais compartilhados por quem experienciou o início do surgimento do povoado.

Primeira margem: o povoado São Braz/SE

O povoado São Braz/SE compreende o recorte espacial desse trabalho está localizado no município de Nossa Senhora do Socorro – SE, região metropolitana de Aracaju – a “Grande Aracaju” – capital do Estado de Sergipe. Tem como municípios limítrofes Laranjeiras, ao norte; São Cristóvão, ao sul e oeste; Santo Amaro das Brotas e Aracaju, a leste. A sede da cidade está a 13km capital, tem uma área territorial de 158km² e uma população de 160.827 habitantes sensa de 2010 do IBGE, a estimativa para 2017 foi de 181.928 habitantes, distribuídos em três regiões: Sede Municipal, Complexo Jardins e Complexo Taíçoca (MENDONÇA; SILVA, 2009; ALVES, 2006).

O São Braz/SE faz parte do Complexo Taíçoca e é uma antiga colônia de pescadores e pescadoras/marisqueiras que se desenvolveu às margens do Rio do Sal, sub-bacia do rio Sergipe. O rio do Sal possui aproximadamente 20km de extensão desde sua cabeceira até o ponto de desembocadura no rio Sergipe, drenando uma área média de 62km². Constitui-se a principal fonte de abastecimento de água do município de Nossa Senhora do Socorro, além de abastecer grande parte da capital Aracajuana (CORREIA et al., 2015).

Segunda margem: identidade dos povos do São Braz/SE

O trabalho realizado pelos pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais, no qual a arte se faz presente cotidianamente nas técnicas, na prática e em todo o universo que permeia esse campo de trabalho manual, se constitui o objeto de pesquisa do presente trabalho. No tocante aos pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais e alunos da comunidade do São Braz/SE, foram sujeitos participantes dessa pesquisa, trazendo vida e movimento a toda trajetória da pesquisa empírica arraigada de saberes tradicionais.

Os povos tradicionais são impressos por simbologias culturais que se entrelaçam em elementos como a crença religiosa, etnia, raça, história e local. No povoado São Braz/SE existe uma rica diversidade cultural proveniente dos povos originários de diferentes lugares e que hoje encontram-se e se reconhecem como pertencentes àquela comunidade. Nesse sentido, o lugar é o elo que fortalece a identificação/pertencimento dos povos que (r)existem e lutam dentro de propósitos vitais similares.

O trabalho e as lutas sociais são fatores que unem os sujeitos em seus territórios de vida. A pesca artesanal e a mariscagem no povoado São Braz/SE é comum a todos os habitantes. Assim, elucidamos as falas coletadas nas entrevistas aos pescadores e pescadoras, que estão sintonizadas dentro de diálogos que se encontram e se completam, mesmo se tratando de sujeitos diferentes. As questões foram: Há quantos anos exerce a atividade da pesca? Exerce outra atividade para completar a renda familiar?

Partindo desses questionamentos, entrevistamos uma pescadora/marisqueira, três pescadores, sendo que dois são membros da primeira família que habitou o povoado São Braz/SE. Aqui doravante o chamaremos de Pescador 1, Pescador 2, Pescadora 3 e Pescador 4. O mesmo demonstrou

em seu discurso um sentimento de orgulho em ser pescador, atrelado à necessidade de exercer a atividade. Assim elucidou:

[...] pesco há trinta anos, trabalhei muitos anos como armador de ponte, mas, nunca deixei de pagar a pesca³ (Pescador 1).

A venda dos recursos provenientes da pesca correspondia ao complemento da renda familiar. A pesca não atendia a todas as necessidades básicas da casa, o que impeliu o “chefe da família” a buscar distintas atividades rentáveis, respectivamente a construção civil – mencionada pelo termo “armador de ponte” – e a pesca artesanal, atividade que o mesmo “nunca deixou de pagar” e nem de exercer, como a confecção artesanal dos instrumentos utilizados para o trabalho nas águas.

Com efeito, o Pescador 2, filho mais jovem da primeira família que povoou o São Braz/SE, atualmente engajado com projetos sociais de inclusão aos jovens da comunidade, estudante universitário e dono de viveiro de camarão, tem uma rotina diferente dos pescadores e pescadoras/marisqueiras mais antigos. Segundo a linha de pensamento de Batista, percebemos que “[...] uma influência dos valores aliados às inovações tecnológicas, que estão modificando o jeito de pensar e agir dos mais novos da comunidade; muitos procuram a via da educação” (2014, p. 182). De fato, a dinâmica do povoado São Braz/SE foi influenciada pelas novas tecnologias com a chegada dos barcos a motor, que proporcionaram agilidade ao deslocamento antes realizado a remadas e movidos pelo vento. Essa agilidade favorece as múltiplas atividades exercidas pelos pescadores e pescadoras/marisqueiras, sejam elas rentáveis e/ou educacionais. Com isso, o entrevistado relembra que

[...] não vivia inteiramente da pesca, mas, precisava do complemento que a pesca trazia (Pescador 2).

O pescador 2 teve antecessores, como o seu pai que passou por dificuldades financeiras e tinha a pesca como única atividade rentável e, por ser uma atividade dinâmica, não era comum “sobrar tempo” para estudar. Mas os jovens, no contexto em que vivem hoje, encontram “condições mais favoráveis” no quesito “tempo” e podem optar por se instrumentalizarem, por exemplo, no ramo educacional – o que não garante emprego, mas amplia o leque de oportunidades no mercado de trabalho – permitindo que o pescador não viva “inteiramente da pesca” e desenvolva outras atividades econômicas.

Nessa dimensão, a Pescadora 3 retoma memórias de quando chegou ao povoado: “cheguei no São Braz com 19 anos de idade e hoje tenho 73 anos, fui pescadora e hoje sou aposentada e rezadeira”. Ela elucida o cenário que vem à mente quando volta ao tempo que chegou à localidade e relata algumas peculiaridades, a saber: tinham no povoado cinco casas de barro e coberta com palhas, relembra: “me mudei de barco, não tinha carro que chegasse aqui”. As ruas eram de chão e a área era alagada, não havia igreja e por isso a primeira missa aconteceu debaixo de uma mangueira. Após a construção da escola as missas eram realizadas lá. Ela ainda relembra que toda comunidade ajudou na construção da capela, arrecadando recursos: “pedíamos a um e a outro”, e essa prática social coletiva e solidária se faz presente na comunidade até os dias atuais.

³Pagar a pesca é o termo que faz referência a contribuição mensal repassada pelos pescadores e pescadoras artesanais vinculados a colônia de pescador.

Retomando a memória dos entrevistados, seguimos com o Pescador 4 que em sua apresentação recordou: “aprendi a pescar com meu pai, me criei no rio, tenho uns 50 anos na pesca”. O mesmo foi criado no povoado, trabalhava na pesca e recebia seguro defeso, mas, ao ser nomeado para um cargo público, deixou de receber o seguro defeso da pesca e seguiu como servidor público. Atualmente pesca nas horas de folga do trabalho. A figura 03 foi registrada as margens do Riacho do Moleque em um final de tarde em que o Pescador 4 estava olhando a maré, não estava saindo e nem retornando para pescaria, mas apenas contemplando a dinâmica das águas.

Figura 03. Entrevista ao pescador as margens do riacho do Moleque



Fonte: Pesquisa de Campo no povoado São Braz/SE, 2018.

Com isso, compreendemos que o saber do pescador artesanal é edificado com as vivências e experiências apreendidas e readequadas no cotidiano. O pescador 4 afirmou que “eu só deixo a pesca quando morrer” e, também, que possui todos os instrumentos de pesca necessários para o trabalho nas águas. Mas possui uma única restrição no universo pesqueiro “eu pesco tudo que vim na rede, mas caranguejo eu não cato de jeito nenhum”. Assim corroborando com o pescador 4, que os pescadores e pescadoras são sujeitos livres para catar, mariscar, pescar e desenvolver essas atividades artesanais quando e como desejar, esse “livre-arbítrio” que o universo da pesca artesanal permite compreende um dos principais motivos para que os sujeitos, mesmo desenvolvendo outras atividades econômicas no mercado de trabalho formal tenham a pesca como complemento de renda e/ou para diversão e lazer.

Terceira margem: os remansos da maré na arte da pesca – memória e processos históricos dos territórios de vida

[...] o ser humano modifica sua maneira de ser. Ao se afastar dos princípios que pertencem à sua natureza, passa a viver de modo muito diferente do estado anterior. Estes princípios do estado anterior vão dar ao ser humano a condição de viver

tranquilamente sempre orientado pela pureza de suas atitudes. Mas, ao afastar-se de tais preceitos, os homens deixam suas transparências originais e passam a esconderem-se através das manifestações da aparência atreladas aos comportamentos sociais (ROSANA de O. S. BATISTA, 2012, p. 44).

Assim, dialeticamente analisamos o trabalho da pesca artesanal e as mudanças no território de vida promovidas pela influência do capital que a comunidade do São Braz/SE está emergida. Considerando que a evolução do trabalho consiste em um fator potentemente responsável por criar possibilidades de alterações no território de vida dos povos tradicionais.

O pescador (a) é um sujeito autônomo e não tem patrão, o que lhe possibilita liberdade para executar a atividade de acordo com o tempo e a necessidade da sua família, desobrigando-o a cumprir cargas horárias extensas que em muitos casos não tem a produtividade almejada pelos empregadores das grandes empresas. Além disso, os pescadores e pescadoras/marisqueiras são independentes dentro da atividade pesqueira. Corroborando com isso mencionamos as falas:

[...] nunca catei caranguejo por que nunca gostei (Pescador 1).

[...] catei muito, mas hoje não cato marisco (Pescador 4).

Assim, entende-se que o sujeito tem a autonomia de pescar o que gosta e não tem quem o obrigue ao contrário, por que a atividade artesanal da pesca permite que ele seja seu próprio patrão. No quesito das regiões utilizadas para o trabalho da pesca, os sujeitos dividiram o ambiente de trabalho em duas regiões: a “de dentro”, correspondendo ao rio, e a “de fora” ao mar.

[...] nunca fui para fora sempre pesco no rio, fora é o mar aberto. E também sempre preferir pescar sozinho em todos os turnos e horários por que sobrevivia disso (Pescador 1).

[...] pesco no rio, durante o dia acompanhado (Pescador 2).

[...] pesco no rio, qualquer horário, sempre acompanhado por que faz medo pescar só, tem muito malandra dentro do rio (Pescador 4).

Para além, de suprir as necessidades básicas da família, pescar acompanhado é uma questão de segurança. Assim,

[...] o mestre⁴ via assombração, ouvia muita coisa no rio, muita presepada de noite, além dos vagabundos que tomam o motor dos barcos (Pescador 1).

Com isso, o diálogo versa entre as lendas quando o mestre menciona (assombração que via no rio) e fatos que fazem parte da realidade dos pescadores e pescadoras/marisqueiras que são

⁴ O mestre no São Braz/SE é um sujeito que conhece as técnicas da pesca e da construção dos instrumentos. Herdou do pai a arte de fabricar e restaurar barcos, os mais jovens recorrem a ele quando necessitam de orientação. Em um dos campos presenciei o mestre ensinando um pescador a preparar a parafina para tampar as frestas de um barco em fase de acabamento.

elucidados quando mencionados (os vagabundos que tomam o motor dos barcos). Os desafios e as adversidades são inerentes a vida dos trabalhadores das águas, a necessidade corresponde ao tamanho dos riscos/exposições que os pescadores e pescadoras/marisqueiras se sujeitam cotidianamente.

Os desafios e as adversidades liderados pelas dificuldades em realizar manutenção da vida. Os povos tradicionais do São Braz/SE dialogam com a persistência e com a força de vontade, no que tange a luta das águas, a pesca artesanal como principal atividade econômica e multifaces para ganhar um pouco mais com a união dos familiares na execução do trabalho.

[...] a mulher vendia na feira para ela mesma, por que o dinheiro já era pouco se fosse para repassar diminuía ainda mais (Pescador 1).

[...] o meio de sobrevivência para alguns era integralmente a pesca já outros pescavam com a perspectiva de complementar a renda familiar, eu pescava era o sururu para comer e fazer a inteira da carne (Pescadora 3).

Assim, apreendemos que os pescadores e pescadoras/marisqueiras artesanais trabalham com duas modalidades de venda: a primeira e mais comum é por intermédio de atravessadores, que tem como desvantagem os baixos e injustos valores que pagam nos pescados, especialmente considerando toda a cadeia do trabalho. Logo, compreendemos porque alguns pescadores e pescadoras/marisqueiras optam por não arriscar e entregam seus pescados aos atravessadores como forma de garantir a venda e não perder a mercadoria. Já a segunda corresponde à venda do pescado fresco nas feiras e mercados. Contudo, percebemos em ambas modalidades de escoamento do pescado a dinâmica de “perdas e ganhos”: no primeiro caso há ganho de tempo e perda financeira; no segundo, a perda pode ser financeira e de tempo.

O trabalho do pescador, mesmo não contando com renda fixa e regularidade nos recursos por que depende da natureza, ainda assim, era possível mediante esforços conjuntos conseguir realizar o sonho de morar em uma residência de alvenaria para “viver melhor” diante de toda precarização posta pela negação dos direitos que os cidadãos enfrentam. Existem histórias de luta e superação como mencionado na fala:

[...] fiz a casa com o dinheiro dos camarões pescado com redinha. A pesca de com covo siri que foi quando ganhei mais dinheiro. Fatura tinha demais (Pescador 1).

A pesca de redinha reluz boas recordações, pois até hoje o pescador reside na casa que foi construída com a venda dos camarões pescados na redinha, isso foi possível também por que diversos fatores sociais, econômicos e inclusive ambientais eram positivos. O que diverge da atual conjuntura – na qual o desemprego é um problema gritante para a sociedade e para a própria economia – é o aumento exacerbado da poluição antrópica dos rios que afeta a dinâmica ambiental gerando redução e até extinção de pescados antes abundantes. Compreende-se que a vida e sua qualidade pode ser positiva com a fatura e seus benefícios, e negativa quando o tempo necessário para a manutenção do ambiente não é respeitado.

Em essência, a trajetória de vida dos trabalhadores das águas do povoado São Braz, que carregam em suas entrelinhas, histórias ricas que perpassam as danças, a diversidade religiosa, o

trabalho na maré, correspondendo a cultura local e aos saberes tradicionais que são passados de mãe para filho, de pai para filho, de irmão para irmão, superando as adversidades experimentadas. Pois assim, a vida se propaga dentro dessa comunidade nutrindo os costumes, as crenças, as lendas e acima de tudo a força de lutar em prol de serem quem são e estarem onde estão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória da construção dessa pesquisa, o encantamento com a arte do trabalho da pesca foi inevitável e fez contraponto com as belezas naturais que fazem parte da paisagem do povoado São Braz/SE. Um lugar, margeado pelo Rio do Sal e Riacho do Moleque corpos hídricos que são fontes de vida para os ribeirinhos, que são dotados por uma diversidade cultural unificada e dinâmica. Tecendo o fio conduto, no que versa a diversidade desses povos tradicionais, estão os desafios, a força e a resistência de continuarem lutando por melhores condições de vida para as presente e futuras gerações.

Nessa direção, encontramos atrelado a trajetória de vida dos pescadores e pescadoras, um cenário de domínio do capital, mediante o “desenvolvimento” e/ou “progresso” como foi elucidado por alguns sujeitos. Com isso, adentramos em um processo de expansão da cidade com a construção de conjuntos habitacionais que hoje constituem o complexo Taiçoca de Dentro e Taiçoca Fora, entorno do povoado São Braz, na concepção de muitos pescadores e pescadoras compreendeu a chegada do progresso. Encontramos contradições nas falas dos sujeitos para essa “ideia” de progresso, pois, as expansões imobiliária e industrial foram o estopim para as mudanças no território de vida dos ribeirinhos, que serviram de mão de obra para a construção civil que seus feitos, hoje operam sem os devidos cuidados ambientais o que desencadeia uma série de problemas – poluição hídrica no Rio do Sal; redução do pescado – fonte de vida do pescador e pescadora artesanal e, adoecimento dos povos lutam para (r)existirem do trabalho da pesca.

Contudo, foi possível trocar conhecimentos científicos e saberes tradicionais. No decorrer da pesquisa apreendemos, sob o olhar dos pescadores e pescadoras mais antigos da comunidade, um ensaio de como acontece a dinâmica do território de vida dos ribeirinhos do Rio do Sal, na especificidade do povoado São Braz. Assim, foi evidenciado que território de vida dos pescadores e pescadoras sofreu mudanças negativas emergidas pela poluição da fonte de vida – o rio – favorecidas pela força do capitalismo, hoje inerente as comunidades costeiras de Sergipe e do “mundo”.

REFERÊNCIAS

ALLUT, A. G. **Conhecimento dos especialistas e seu papel no desenho de novas políticas pesqueiras**. 2000. In: Diegues, AC. (Org). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. HUCITEC/NUPAUB- USP, São Paulo-SP. 2000.

ALVES, J. P. H. (Orgs.). **Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade e preservação**. Aracaju, SE: ÓS Editora, 2006.

BATISTA, R. O. S. **Analizando os discursos acerca das concepções de natureza e sociedade em J. J Rousseau: tecendo as afinidades no pensamento da geografia moderna**. 71f. Qualificação de Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Sergipe sob orientação da Prof.^a. Dra. Alexandrina Luz Conceição. São Cristóvão-SE. 2012.

BATISTA, R. O. S.; ARAÚJO, M. I. O. **Interfaces simbólicas dos pescadores do povoado Bom Jesus e a relação homem-natureza**. In: Ecologia: uso potencial e conservação de ecossistemas costeiros sergipanos. Org. LANDIM, M. GUIMARÃES, C. P. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

CHAGAS, W. F. **Estudo de patógenos e metais em lodo digerido bruto e higienizado para fins agrícolas, das estações de tratamento de esgotos da ilha do governador e da Penha no estado do Rio de Janeiro**. 89f. (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

CHAVES-NETO, L. **Gestão das águas no século XXI: Uma questão de sobrevivência**. Fortec Assessoria e Treinamento LTDA, (Artigo FATEF Eletrônica). 2013.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. São Paulo. Rev. Portuguesa de Educação. v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CORREIA, M. G. S.; ALVES, L. L.; MELO, A. R. S.; OLIVEIRA, C. E. S. **Avaliação dos Teores de Metais Pesados no Rio do Sal**. 2º Congresso Internacional RESAG 2015. Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju, 2015.

DIEGUES, A. C. **Conhecimento Tradicional e Apropriação Social do Ambiente Marinho**. In: Roteiros Metodológicos: plano de Manejo de Uso Múltiplo das Reservas Extrativistas Federais. Org. RODRIGUES, E.; PAULA, A. C.; ARAUJO, C. M. Brasília: IBAMA, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de pesquisa, v. 118, n. 3, p. 189-205, 2003.

MALDONADO, S. C. **A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples**. In: DIEGUES, A.C. (Org.). A imagem das águas. São Paulo: HUCITEC. 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MENDONÇA, J. U.; SILVA, M. L. M. C. **Sergipe panorâmico: geográfico, político, histórico, cultural, turístico e social**. Aracaju: UNIT - Universidade Tiradentes, 2009.

MORGAN, E. D. **Pesca de arrasto: o destrutivo método de pescaria está transformando os leitos dos oceanos em “desertos”**. 2014. Mongabay – Jornalismo Ambiental Independente. Disponível em: <<https://pt.mongabay.com/2014/07/pesca-de-arrasto-o-destrutivo-metodo-de-pescaria-esta-transformando-os-leitos-dos-oceanos-em-desertos/>>. Acesso em: 07 de mar. de 2018.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1 ed. São Paulo : Expressão Popular, 2011.

RAMALHO, C. W. N. **“Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana**. São Paulo: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH – UNICAMP), 2006.

AGRADECIMENTOS

